

GOZO MÍSTICO:  
RELIGIÃO E HOMOEROTISMO  
CONFLUEM EM “BUNDO”  
DO POETA VALDO MOTTA<sup>1</sup>

---

MYSTICAL JOY:  
RELIGION AND HOMOEROTICISM  
CONVERGE IN “BUNDO”  
BY THE POET VALDO MOTTA

Fábio de Souza Andrade\*

**A** sobriedade elegante da apresentação gráfica de “Bundo”, seleção em dois tempos da poesia de Valdo Motta, organizada por Berta Waldman e Iumna Maria Simon, contrasta com a orelha do livro, em que o autor, também ator, é introduzido e louvado pelos versos tropicalizantes de José Celso Martínez Corrêa.

O embate entre a fala profética, o discurso sublime inspirado pelo Deus terrível do Velho Testamento e o escracho realista, pagão e dionisíaco vestido pela

---

<sup>1</sup> ANDRADE, Fábio de Souza. Gozo místico: religião e homoerotismo confluem em “Bundo”, do poeta Valdo Motta. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Mais, 7 set. 1997.

\* Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP).

brevidade e a ironia modernas, é apenas um dos prolongamentos desta tensão original de uma poesia igualmente atraída pelos pólos da religião e da sexualidade.

Nascido em Boa Esperança do Espírito Santo, em 1959, negro e homossexual, é o próprio Valdo Motta quem dá conta, no prefácio, de uma história de engajamento político em defesa das minorias, que foi desembocar na descoberta da força simbólica da linguagem bíblica e da tradição poética que combina o erótico e o espiritual, a sensualidade e o misticismo no gozo místico.

Lidos em chave homoerótica, os versículos bíblicos emprestam tom solene e ritualizado à celebração do corpo, subvertendo a fúria punitiva divina em conclamação ao prazer: “Que o sol fique lívido,/ e a lua corada de vergonha,/ e as estrelas desmaiem, errem sua rota os planetas/ e os céus aturdidos se embaralhem./ Urrem os mares e os montes estremeçam,/ porque a Terra santa grita e sacoleja/ de gozo: chegou o seus Esposo”.

Não apenas San Juan de la Cruz ou Santa Tereza D’Ávila, mas também o “Cântico dos Cânticos” revive no convite ecumênico: “Vem comigo, meu amado,/ fervamos o leite cósmico./ Celebremos nosso gozo/ no cristântrito festim.// Vem, querido, preparar/ o teu mosto em meu lagar/ e fazer o vinho santo.// Vem destilar a mirra/ do monte dorsal e o mel/ que mana da rocha viva”.

Sua contestação à religião oficial (“uso a paródia contra os enganadores”) serve do escatológico e da violência crua das imagens, ora oswaldiana e bem-humorada (“Venerai o Santo Fiofó,/ ó neófito das delícias,/ e os deuses hão de vos abrir as portas e a fortuna vos sorrirá”, em “Exortação”); ora agressiva, voluntariamente desagradável, raiando o mau gosto (“Eu sou a Nossa Senhora do Buraco Negro,/ Sujo e fedorento da Rocha Dorsal,/ mãe dos nove céus a tetéia do caralhudo./ ... Ai de quem esqueceu a pedra santa/ e o caminho da casa do Senhor”, em “Anunciação”).

Servindo-se do tema do percurso iniciático, à poesia e ao corpo, entre os dedos e os dátilos, combina a tradição judaico-cristã, referências ao paganismo e epicurismo clássicos com o tema do auto-erotismo: “Extáticos dátilos/ ébrios caribos,/ transidos curetes... em ofício sacro/ no ano celeste” ou “não me canso de tocar/ a lira de dez dedos/ neste frenético louvor/ ao Deus vivo/ meu rochedo”.

A concisão das pílulas e brevíssimas cenas líricas reforçam o parentesco com Oswald de Andrade. Veja-se o micro-soneto: “Quem/ não/ tem/ bens// Bem/ não/ tem/ não// tem/ não/ tem// não/ tem/ não”, em “Os Sinos”; o humor trocadilhesco, ácido de “E Agora, Ô Meu” – “Eis no que deu/ a Terra Prometida/ por Prometeu”; ou a esconjuração da Aids, assimilada ao mítico Reino dos Mortos: “Hás de ir ao Id, há de ir ao Id,/ Para depor Hades e tudo que preside,/ e, depondo Hades, todos os podres/ que impedem a mútua doação dos seres”. Mas é no recurso à dicção profética que o poeta promete e ambiciona mais. Motta usa e abusa da abertura ambígua da linguagem mítica, bíblica ou não, e oferece ao leitor sua própria chave de leitura.

O caso é que, na divisão entre a experiência coletiva, lastro histórico e cultural dos símbolos do sagrado e uma fala simbólica que parte da constatação humilde de que legisla em terreno pessoal (“a poesia é a minha/ sacrossanta escritura/ cruzada evangélica/ ... Só ela me salvará/ da guela do abismo./ Já não digo como ponte/ que me religue/ a algum distante céu,/ mas como pinguela mesmo,/ elo entre alheios eus”, em “Religião”), está ao mesmo tempo a força e a fraqueza de suas imagens.

Muitas vezes, o risco de que não escapa é o do recurso instrumental aos mitos e emblemas, neutralizando o impacto e sobrecarregando, artificialmente, de escoras exteriores os poemas, que ganhariam caso não precisassem desta erudição funcional e da legitimidade conferida pela tradição.

Como volume, “Bundo” traz a mesma desigualdade, manifesta em poemas que, no empenho de encenar o escândalo da própria novidade e de seu apego ao prazer vital, deixam de fazê-lo para ser tão-somente espetáculo novidadeiro. Que sua voz não se perca neste fosso.

# GOZO MÍSTICO

## Religião e homoerotismo confluem em “Bundo”, do poeta Valdo Motta

**FÁBIO DE SOUZA ANDRADE**  
especial para a Folha

A sobriedade elegante da apresentação gráfica de “Bundo”, seleção em dois tempos da poesia de Valdo Motta, organizada por Berta Waldman e Iumna Maria Simon, contrasta com a orelha do livro, em que o autor, também ator, é introduzido e louvado pelos versos tropicalizantes de José Celso Martinez Correa.

O embate entre a fala profética, o discurso sublime inspirado pelo Deus terrível do Velho Testamento e o escacho realista, pagão e dionisíaco vestido pela brevidade e a ironia modernas, é apenas um dos prolongamentos desta tensão original de uma poesia igualmente atraída pelos pólos da religião e da sexualidade.

Nascido em Boa Esperança do Espírito Santo, em 1939, negro e homossexual, é o próprio Valdo Motta quem dá conta, no prefácio, de uma história de engajamento político em defesa das minorias, que foi desembocar na descoberta da força simbólica da linguagem bíblica e da tradição poética que combina o erótico e o espiritual, a sensualidade e o misticismo no gozo místico.

Lidos em chave homoerótica, os versículos bíblicos emprestam tom solene e ritualizado à celebração do corpo, subvertendo a fúria pu-

nitiva divina em conclamação ao prazer: “Que o sol fique lívido/ e a lua corada de vergonha,/ e as estrelas desmaiem, errem sua rota os planetas/ e os céus aturidos se embaralhem./ Urrem os mares e os montes estremeçam,/ porque a Terra santa grita e sacoleja/ de gozo: chegou o seu Esposo”.

Não apenas San Juan de la Cruz ou Santa Tereza D’Ávila, mas também o “Cântico dos Cânticos” revive ao convite ecumênico: “Vem comigo, meu amado,/ fervamos o leite cósmico./ Celebremos nosso gozo/ no cristianístico festim./ Vem, querido, preparar/ o teu mosto em meu lagar/ e fazer o vinho santo./ Vem destilar a mirra do monte dorsal e o mel/ que mana da rocha viva”.

Sua contestação à religião oficial (“uso a paródia contra os enganadores”) serve-se do escatológico e da violência crua das imagens, ora oswaldiana e bem-humorada (“Venerai o Santo Fiôfô,/ ó neófito das delícias,/ e os deuses hão de vos abrir as portas e a fortuna vos sorrir”, em “Exortação”); ora agressiva, voluntariamente desagradável, raçando o mau gosto (“Eu sou a Nossa Senhora do Buraco Negro,/ Sujo e fedorento da Rocha Dorsal,/ mão dos nove céus a teteia do caralhudo/ ... Ai de quem esqueceu a pedra santa/ e o caminho da casa do Senhor”, em “Anunciação”).

Servindo-se do tema do percurso iniciático, à poesia e ao corpo, entre os dedos e os dátilos, combina a tradição judaico-cristã, referências ao paganismo e epicurismo clássicos com o tema do auto-erotismo: “Extáticos dátilos/ ébrios caribos,/ transidos curetes... em ofício sacro/ no ano celeste” ou “não me canso de tocar/ a lira de dez dedos/ neste frenético louvor/ ao Deus vivo/ meu rochedo”.

A concisão das púlpas e brevíssimas cenas líricas reforçam o parentesco com Oswald de Andrade. Veja-se o micro-soneto: “Quem/ não/ tem/ bens// Bem/ não/ tem/ não// tem/ não/ tem// não/ tem/ não”, em “Os Sinos”; o humor trocadilhoso, ácido de “E Agora, O Meu” — “Eis no que deu/ a Terra Prometida/ por Prometeu”; ou a esconjuração da Aids, assimilada ao mítico Reino dos Mortos: “Hás de ir ao Id, há de ir ao Id./ Para de- por Hades e tudo que preside./ e, depondo Hades, todos os podres/ que impedem a mútua doação dos seres”. Mas é no recurso à dicação profética que o poeta promete e ambiciona mais. Motta usa e abusa da abertura ambígua da linguagem mítica, bíblica ou não, e oferece ao leitor sua própria chave de leitura.

O caso é que, na divisão entre a experiência coletiva, lastro histórico e cultural dos símbolos do sagrado e uma fala simbólica que parte da constatação humilde de que legisla em terreno pessoal (“a poesia é a minha/ sacrossanta escritura/ cruzada evangélica/... Só ela me salvará/ da gula do abismo./ Já não digo como ponte/ que me religue/ a algum distante céu/ mas como pinguela mesmo/ elo entre alheios eus”, em “Religião”), está ao mesmo tempo a força e a fraqueza de suas imagens.

Muitas vezes, o risco de que não escapa é o do recurso instrumental aos mitos e emblemas, neutralizando o impacto e sobrecarregando, artificialmente, de escoras exteriores os poemas, que ganhariam caso não precisassem desta erudição funcional e da legitimidade conferida pela tradição.

Como volume, “Bundo” traz a mesma desigualdade, manifesta em poemas que, no empenho de encenar o escândalo da própria novidade e de seu apego ao prazer vital, deixam de fazê-lo para ser tão-somente espetáculo novidadeiro. Que sua voz não se perca neste fosso.

Fábio de Souza Andrade é professor de teoria literária na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e autor de “O Engenheiro Noturno - A Lírica Final de Jorge de Lima” (Edusp).

Fac-símile da página com o comentário de Fábio de Souza Andrade sobre *Bundo e outros poemas*, de Valdo Motta.